

o seu amor é solitário.

CARSON MCCULLERS, *A Balada do Café Triste*



# 1

Quellón. Chiloé. Uma noite de há muitos anos. Passa das dez horas. Nem céu, nem vegetação, nem oceano. Só o vento, mão que tudo agarra. Talvez uma dúzia de pessoas. Almas. Num lugar como este, a esta hora, as pessoas podem ser chamadas almas. O cais é pequeno e inclinado. A ilha entrega-se à água em blocos de betão onde se fixam, alinhados, alguns cabeços de amarração. Parecem pregos disformes que fixam o cais ao fundo do mar. Nada mais. A calma dos ilhéus é de pasmar. Sentam-se à chuva, dispersos, com trouxas de roupa grandes como tambores. Cobrem-se com plásticos resistentes ao vento, comem em silêncio, com uma garrafa-termo entre as pernas. Esperam. A chuva fustiga-os como se os amaldiçoasse, escorre-lhes espinha abaixo e forma riachos que descem até ao mar, boca imensa que nunca se cansa de acolher e engolir. Está um frio estranho, devo tê-lo bebido porque o sinto, fanático, combativo, debaixo da minha pele e mais profundamente, nos arcos que os órgãos constroem entre eles. Ilhéus incompreensíveis. Fiquei por lá três meses, cozinheira de acampamentos de verão para adolescentes. Ao fim da tarde, pedalava até à vila e bebia uma aguardente no bar da pensão. Nenhuma mulher, ou quase. Ritual de trabalhadores. Dentes manchados que se cumpri-mentam. Olhos negríssimos das árvores genealógicas, crescidas

pouco a pouco na rocha salina, conversam comigo das mesas. Falam por todos os mortos.

Não sou propriamente um ás da cozinha, sou uma espécie de cozinheira de cantina, capaz, mas sem formação. O que mais gosto neste trabalho é de tratar dos alimentos ainda inteiros, quando alguma coisa neles proclama um lugar, uma origem, e aquele raio imediato de solidão de que todo ser vivo precisa para crescer. Água, terra, pulmões. As condições do silêncio. Os alimentos têm pele e prepará-los exige facas. Se há uma coisa em que sou boa na cozinha é a cortar tudo em pedaços. O resto não é uma arte. Temperar, misturar, aquecer... as mãos aprendem sozinhas a fazer tudo. Trabalhei em escolas, lares de terceira idade e numa prisão. São biscates que duram umas semanas, e que dão cabo de mim, são uma gordura de que me livro aos poucos. O meu último chefe, antes de vir para Chiloé, quis dar-me uma explicação: o problema não era a comida, era eu. O trabalho faz-se em equipa, numa cozinha, eu teria de encontrar uma cozinha minúscula se queria fazer tudo sozinha, e continuar a ganhar a vida assim.

O barco chega à meia-noite. Avança na nossa direção a uma velocidade alarmante. É talvez uma impressão dada pelas luzes, que rebentam na água e nos agridem os olhos. Atrás de nós há movimento, alguém chega num *jeep* preto e deixa o motor ligado. Chamam-nos. Os ilhéus levantam-se, parecem enormes tartarugas nascidas de um grande ovo. Atravessam a chuva a passos lentos, passam ao meu lado e sinto-me uma reles estrangeira, branca como uma doença, encharcada até aos ossos sob o meu impermeável azul-escuro. Precisava de ter dois corpos para almejar a resistência de um corpo deles. Mas apesar de tudo vivi com eles, esgravatei a ilha com as unhas até perceber que a polpa dos dedos pode endurecer, que o coração comanda o corpo e o faz curvar-se perante o seu primeiro mandamento, a vontade. Amontoamo-nos junto à porta do moto-

rista. Faço do meu capuz viseira, esfrego os olhos, tento perceber o que está acontecer. Mãos trocam moedas e notas. De dentro do carro sai uma melodia de cordas que parece celebrar a tempestade. Compro o bilhete com os *pesos* que tiro da carteira. O resto, o salário de três meses, trago-o embrulhado em celofane entre a primeira *T-shirt* e a pele.

É como se a passarela nos tivesse sido estendida pelo mar, como se ele nos viesse buscar. A mochila faz-me caminhar curvada. Tenho uma corda em cada punho e sigo-os sem as largar. Uns gritos obrigam-nos a avançar. Entro no navio a pensar que não me parecia tão grande e, de repente, o silêncio. Sons humanos quase impercetíveis, fora do alcance dos elementos. Descemos todos torcidos, pé ante pé, alguns degraus de metal. Atrás da porta há um porão vazio. É um cargueiro, não um navio de cruzeiro. Deixámo-nos cair por ali como se andássemos há anos numa longa peregrinação, alguns olham-se nos olhos, talvez pela primeira vez. O homem ao meu lado tira do saco uma garrafa de *pisco* e bebe um longo trago. Depois faz a garrafa circular. É a cerimónia do cachimbo: vamos ver no que isto dá. Dispo o meu impermeável e a camisola encharcada e visto outra, suja mas seca, que encontro remexendo às cegas na mochila. Não sei em que momento zarpamos, o porão eleva-se e desaba sem parar. De quando em quando, resvalamos em grupo para um lado e a lâmpada tremeluz até que uma outra onda nos envie de volta à casa de partida. Uma velha passa-me a garrafa, com um sorriso em cada olho e o de baixo desdentado. Aceito-a e bebo. Adoro este lugar, olhos estreitos e pretos que não me querem nem me rejeitam, uma fabulosa liberdade.

Foi disso que vim à procura, do zero original. Estava cansada de inventar currículos, de falar e agir como se a vida fosse uma narração, como se um arame enterrado em mim me mantivesse aprumada e constante. O rumo mata a viagem. Se a vida tem de ser uma

história, só pode ser uma má história. Que me passou pela cabeça quando decidi mandar tudo às malvas e aceitar três meses de vida no outro lado do mundo? Tinha acabado de ser despedida de um restaurante de uma zona industrial. Todas as manhãs chegava à boleia. A maior parte das vezes atrasada, mesmo saindo de casa com duas horas de antecedência. O melhor momento do dia era quando um carro ou um furgão parava na berma, a cem ou cento e cinquenta metros de distância, e me chamava com os piscas. Corria com o saco às costas e o casaco aberto, como uma louca, exalando o fumo do frio e do cigarro. Alguns condutores espantavam-se de ver uma mulher. Outros nem se apercebiam. Quinze quilómetros de paz, de não estar em lugar nenhum, e de surpreender o caminho que era punição quotidiana daquela gente amável. Teria adorado saltar desses carros em movimento em vez de dizer adeus e fechar a porta como quem fecha o caixão de um bom amigo, de um ser inanimado. Que me passou pela cabeça quando decidi mandar tudo às malvas? A destruidora possibilidade de um trabalho semelhante, um quarto de três metros por quatro num apartamento da periferia, amantes fugazes como estrelas-cadentes, que hoje me queimam os dedos e amanhã são irreais. Os dias apareciam e desapareciam, idênticos, eu derrubava-os todas as noites, gole após gole, deitada na cama estreita com auriculares nos ouvidos e um cinzeiro em cima do peito. Tinha vivido agarrada a uma certeza impalpável, protegida por três ou quatro coisas indispensáveis que me diferenciavam de uma marginal, de uma excluída. Precisava de enfrentar o vazio, sonhei-o ao ponto de fazer dele um mastro, o centro do meu equilíbrio onde me seguro, quando a vida se desmorona à minha volta. Vinha do nada, envenenada, e ansiava por terras uivantes.

Um chão duro e uma mochila como travesseiro. Companheiros silenciosos. Eu dentro do navio, o navio dentro da tempestade, um envelope cheio de notas colado à minha barriga. Esta noite eu consegui.

\*

Fico por cá uns anos. O capitão tem cara de jogador, paciente, inteligente. Chamam-lhe *patrón*. A pele fina e vermelha sobressai-lhe do colarinho como uma segunda camisa ancorada às suas feições minúsculas — queixo, boca, bigode, nariz, testa — alinhadas umas sobre as outras, com os olhos como dois buracos que confirmam todas as ordens, todas as decisões. Ele aceitou-me porque não peço salário, só comida e cama. Acho que descobri o que é a felicidade: acordar a assobiar, sem incomodar ninguém, sem dar explicações, e cair na cama de madrugada, com o corpo moído e a cabeça livre de poeira e fel. A bordo, toda a gente pensa que estou doida, que sou a ovelha negra de uma família aristocrática e que alguém matou os meus pais e irmãos. Estão convencidos de que estou aqui protegida pelo anonimato da tripulação, para planear até ao último pormenor uma vingança lenta e cruel. Deixo-os pensar no que quiserem porque são cordiais, porque no fundo somos irmãos, mais do que os filhos de uma mesma mãe. O navio fermenta-nos no seu líquido, ama-nos, alimenta-nos, faz com que nos observemos. Deixo-me levar, a vida cresce sem me ultrapassar, concentra-se em cada minuto, implode, tenho-a nas minhas mãos. Posso renunciar a tudo porque nada é definitivo quando nos recusamos a encerrar a vida nos calabouços das narrações.

Subimos pela costa chilena. Até Talcahuano, Valparaíso, Antofagasta, Iquique. Não costumo desembarcar, embora às vezes me apeteça. Em Valparaíso, por exemplo, o porto é protegido de noite por uns *cerros* resplandecentes. Desejo uma amante. Sento-me no convés, bebo, fumo meio maço de tabaco e sinto-me como uma idiota. Há mais de um ano que não tenho uma mulher nos braços. O corpo insulta-me, exige-me um outro corpo para saciar esta fome monstruosa de o tocar e excitar até fazê-lo cuspir a pessoa, a pureza, o encanto. Morro de vontade de abrir e fechar uma porta, de arras-

tar com a boca uma outra boca até à cama, talhar o desejo. Em Barcelona era fácil. Aqui, é melhor nem pensar nisso. Resta-me deitar-me no beliche e recordar tudo naquele ponto tão concreto entre as coxas, com saliva nos dedos, enchendo-me de tabaco e solidão.

É o melhor trabalho que já tive. A cozinha é pequena e ferrugenta. Um forno, quatro fogões, uma banca. As panelas parecem ter sido apanhadas do fundo do mar. Felizmente viajo sempre com as minhas facas, não as deixo nem para dormir, se as deixasse na gaveta da cozinha, no dia seguinte teria de ir buscá-las à casa das máquinas. De qualquer maneira, ninguém entra na cozinha quando estou lá. Deixo a porta aberta e de vez em quando alguém espreita e pede um café. Que o prepare. Tenho sempre água a ferver, um frasco de café solúvel e outro de açúcar branco. Às vezes sentam-se um bocado no banquinho do canto. Descansam e observam-me a trabalhar, contam-me da avó, que era uma ótima cozinheira, a rainha das *humitas* e das empanadas. O Segundo Oficial dita-me receitas. As *humitas* são inviáveis, mas adoro fazer as empanadas. São fáceis de preparar e toda a gente gosta, apesar da carne enlatada e das azeitonas sem tempero. Preparo a massa na véspera e deixo-a fermentar toda a noite. Gosto de me cobrir com o lençol e de saber que na cozinha há outro corpo coberto, um corpo que vela e trabalha por mim. No dia seguinte, fico maravilhada com o crescimento, como se todo o processo, a abóbada de trigo perfeita e tenra, o ninho de calor, fosse um sobrinho longínquo que amadureceu, ano após ano, no silêncio da ausência, sem esforço. Ponho a massa em cima da banca, polvilho-a com farinha, dou e volto a dar-lhe forma e imagino que sou um deus perverso pronto a criar uma nova estirpe. Qualquer parvoíce serve para não sentir as ancas, as mamas, as nádegas, as carnes perfeitas de uma mulher contra as palmas das minhas mãos.